

UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Psicologia

ERIKA RIGHETTO IFANGER - T057710
RAISSA FERREIRA GASPARINO - N679832

PSICANÁLISE E A PSICOLOGIA DE MASSAS:
Líderes Carismáticos e a Dinâmica de Poder

SÃO PAULO
2025

UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Psicologia

ERIKA RIGHETTO IFANGER - T057710
RAISSA FERREIRA GASPARINO - N679832

PSICANÁLISE E A PSICOLOGIA DE MASSAS:
Líderes Carismáticos e a Dinâmica de Poder

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de graduação em
Psicologia apresentado à Universidade
Paulista – UNIP.

Orientador: Prof. Me. Gustavo
Nascimento.

SÃO PAULO
2025

CIP - Catalogação na Publicação

Nascimento, Gustavo

Psicanálise e a Psicologia de Massas: Líderes Carismáticos e a Dinâmica de Poder / Gustavo Nascimento, Erika Righetto Ifanger, Raissa Ferreira Gasparino. - 2025.

47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto de Ciência Humanas da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de Concentração: Psicanálise.

Orientador: Prof. Me. Gustavo Nascimento.

1. Psicanálise. 2. Psicologia de Massas. 3. Líderes. 4. Política. I. Ifanger, Erika Righetto. II. Gasparino, Raissa Ferreira. III. Nascimento, Gustavo (orientador). IV. Título.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho, oferecendo suporte, ensinamentos e inspiração ao longo de nossa jornada acadêmica.

Ao nosso orientador Prof. Me. Gustavo Nascimento, pela paciência, ideias e incentivo durante o desenvolvimento deste estudo.

Ao nosso professor de Psicanálise, Prof. Guilherme Lopes, por ter colaborado com a nossa paixão pelo tema, nos trazendo ensinamentos e questionamentos valiosos que marcaram nossa jornada na graduação.

Às nossas famílias e amigos, pelo apoio e compreensão, não somente durante o desenvolvimento deste trabalho, mas durante toda a nossa trajetória acadêmica.

Agradecemos especialmente ao Sandro, pelo carinho, incentivos diários, e por provocar questionamentos essenciais para a realização deste trabalho.

Agradecemos também a tia Eliane, por ter feito de seus sonhos e sabedoria a ponte para a construção dos nossos.

Agradecemos ainda a Beatriz, Daniel e Ricardo, cuja presença e orientação foram fundamentais em nossa formação.

“Nada é mais facilmente acreditado por nós do que aquilo que, sem referência à verdade, vem ao encontro de nossas ilusões carregadas de desejo”

— Sigmund Freud

RESUMO

O presente trabalho investiga a relação entre os Líderes Carismáticos e as Massas, buscando compreender, através da Psicanálise, os mecanismos psicológicos envolvidos nesse fenômeno. Ele parte da metodologia de caráter bibliográfico, para a compreensão de como as massas são formadas, apoiando-se em autores clássicos da Psicanálise, como Freud, Lacan e Winnicott. A personalidade carismática e traços psicológicos dos líderes são analisados, assim como os cenários propícios para a sua ascensão. A análise revelou que contextos de crise social, de instabilidade econômica, entre outros, funcionam como terreno fértil para o fortalecimento do discurso populista, paranóide e, frequentemente, autoritário. Os resultados apontam que líderes carismáticos se aproveitam do medo e da insegurança da população para consolidar o seu poder, utilizando-se também da criação de uma ruptura no tecido social, dividindo a população, e jogando as massas adeptas contra as oposições. As massas, através de mecanismos inconscientes como projeção e identificação, tornam-se vulneráveis e suscetíveis à manipulação. Constatou-se que a mídia atual desempenha um papel fundamental na construção da imagem do líder carismático, assim como na propagação de seu discurso. Identificou-se que, no caso do Brasil, essa situação se agravou, devido à grande taxa de analfabetismo, bem como do alto índice de pessoas conectadas à Internet, a qual se tornou um “púlpito” para as mais despreparadas opiniões, mesmo para a propagação de ideologias reacionárias, intolerâncias e ódio. Por fim, considera-se que a Psicanálise, ao contribuir com o esclarecimento dessa dinâmica de poder, oferece subsídios críticos para a construção de uma consciência política mais atenta e resistente à sedução carismática e populista.

Palavras-chave: Psicanálise; Psicologia de Massas; Líderes; Política.

ABSTRACT

This study investigates the relationship between Charismatic Leaders and the Masses, aiming to understand, through Psychoanalysis, the psychological mechanisms involved in this phenomenon. Based on a bibliographic methodology, it seeks to comprehend how masses are formed, drawing on classical psychoanalytic authors such as Freud, Lacan, and Winnicott. The research analyzes the charismatic personality and psychological traits of leaders, as well as the socio-historical contexts that favor their rise. The analysis revealed that periods of social crisis and economic instability, among others, provide fertile ground for the strengthening of populist, paranoid, and often authoritarian discourses. The findings indicate that charismatic leaders exploit the population's fear and insecurity to consolidate their power, creating ruptures in the social fabric that divide the population and set masses of supporters against the opposition. Through unconscious mechanisms such as projection and identification, the masses become vulnerable and susceptible to manipulation. The study also found that contemporary media plays a fundamental role in constructing the image of the charismatic leader and in disseminating his discourse. In the Brazilian context, this situation has worsened due to high illiteracy rates and the widespread use of the Internet, which has become a "pulpit" for uninformed opinions and for the spread of ideologies, reactionary attitudes, intolerance, and hatred. Finally, it is considered that Psychoanalysis, by contributing to the understanding of this power dynamic, provides critical insights for the development of political awareness that is more attentive and resistant to charismatic and populist seduction.

Keywords: Psychoanalysis; Mass Psychology; Leaders; Politics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. MÉTODO.....	11
2.1 Natureza da Pesquisa.....	11
2.2 Fontes.....	12
2.3 Procedimentos.....	12
2.4 Considerações Finais sobre o Método.....	12
3. DESENVOLVIMENTO.....	13
3.1 Psicanálise e as Massas.....	13
3.2 O Conceito de Líder Carismático.....	16
3.3 O Perfil Psicológico do Líder Carismático.....	19
3.4 Cenários: Condições para o Surgimento de Líderes Carismáticos.....	22
3.5 O Papel da Mídia na Construção da Imagem do Líder - A Comunicação como Influência Histórica no Brasil.....	26
3.6 Contribuições da Psicanálise sobre o Tema.....	29
4. DISCUSSÃO.....	31
5. CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Em diferentes momentos da história, líderes carismáticos emergiram como figuras messiânicas em cenários de crise, seja após guerras, colapsos econômicos ou instabilidade social. Segundo Freud (1921/2011), em sua obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, as massas tendem a se identificar com líderes que simbolizam uma figura de soberania, aparentando capacidade de lidar com suas angústias e inseguranças, de guiar a nação ao rumo de um status quo de tranquilidade. Esses líderes assumem, muitas vezes, o papel de "Pai" simbólico, o mesmo mencionado em *Totem e Tabu*, por Freud (1913/2013) e as massas se identificam com eles através de processos inconscientes de transferência e projeção do "eu ideal".

Para além das promessas explícitas de reorganização política ou econômica, esses líderes apelam a aspectos mais profundos da psique coletiva, utilizando discursos que, muitas vezes, acessam camadas inconscientes dos indivíduos e das massas, tendo como primeiro passo a dissolução das individualidades, despertando um sentimento de poder coletivo que os faz sentir libertos das consequências e responsabilidades individuais, trazendo uma sensação de invencibilidade. Fazendo emergir atitudes que, sozinhos, os indivíduos reprimiriam, fenômeno esse citado por Gustave Le Bon em sua obra *A Psicologia das Multidões* (1895/2008) como "desindividualização em grupos".

Em períodos de incerteza, a sociedade, ansiosa por segurança e orientação, costuma se voltar para figuras que prometem restauração da ordem e a superação do caos. Kernberg (2000), afirma que condições sociais, econômicas, culturais ou históricas instáveis e ameaçadoras ativam um nível profundo de regressão paranóide nas formações coletivas, ou seja, tudo ou é "bom" ou "ruim", se parte para uma visão de "tudo ou nada", perdendo a ideia de ambivalência ou complexidade sobre os acontecimentos, fazendo emergir uma ansiedade persecutória, a sensação de estar sendo perseguido ou ameaçado por forças externas, o outro é percebido como potencialmente perigoso e temido, fazendo crer que este precisa ser destruído a qualquer custo. O psicanalista austríaco sustenta que eleições em períodos de crise podem ser percebidas como uma ameaça em potencial, como também uma oportunidade para desafiar e superar o inimigo imaginário, criando dessa forma subgrupos sociais fortemente divididos e agressivos entre si (Kernberg, 2000).

Em diversos momentos históricos, a sensação de instabilidade tomou conta

das massas, causando perda da identidade e fazendo-as suscetíveis à autoridade absoluta, como afirmou Erich Fromm (1941/1983) em *O Medo à Liberdade*, destacando que quando o indivíduo se encontra nessa situação, busca inconscientemente um líder que ofereça segurança e identidade, mesmo que isso custe a sua liberdade; notamos isso acontecer recorrentemente ao observar a história durante os séculos. Peguemos como primeiro exemplo a Alemanha nos anos seguintes à Primeira Guerra Mundial, a qual foi tomada por uma crise profunda — econômica, moral e identitária, em meio a essa desordem, surgiu um líder que soube canalizar o descontentamento e as frustrações populares, oferecendo um “ideal de eu”, alguém que simbolizava força e propósito, tendo por discurso uma retórica de resgate nacional, pureza racial e enfrentamento de inimigos, tanto internos quanto externos (Fromm, 1941/1983). A argumentação era carregada de símbolos que falavam diretamente ao inconsciente dos indivíduos, invocando sentimentos de humilhação, vingança e a busca por redenção. Essa figura, com suas promessas de grandeza e ordem, encontrou eco nas massas desiludidas e ansiosas por direção.

Ao longo do tempo, o padrão se repete em contextos diferentes. Como cita Eric Hobsbawm, em obras como *Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914-1991* (1994), nos recordando outros momentos históricos de instabilidade seguidos de líderes autoritários e veementes, como por exemplo na Revolução Francesa, onde criou-se um ambiente de desordem e anseios, sendo sucedido de um líder militar, ascendendo ao poder, oferecendo estabilidade e um novo caminho em um momento em que as instituições pareciam desmoronar. Mais tarde, com o colapso do Império Russo após a Primeira Guerra Mundial e a Revolução de 1917, outro líder emergiu com a promessa de uma nova solução, canalizando a insatisfação popular para uma revolução, utilizando-se de ansiedades de uma nação fragilizada pela guerra e pela fome.

O fenômeno da adesão das massas a líderes carismáticos, especialmente em tempos de instabilidade, não se resume a um simples processo racional de escolha partidária. A Psicanálise, com suas ferramentas para investigar o inconsciente e os mecanismos emocionais que operam no comportamento humano, oferece uma lente valiosa para compreender o que está em jogo nesses momentos que se dinamizam durante a história.

Em cenários caóticos, esses líderes não apenas oferecem soluções práticas,

mas desempenham um papel psíquico essencial ao encarnar um ideal coletivo de ordem e segurança. Eles mobilizam sentimentos de pertencimento e de superioridade sobre grupos minorizados, criando e reforçando uma lógica de “nós contra eles” e oferecendo uma fantasia de retorno a um passado glorioso ou de superação de um presente caótico.

Esses discursos, muitas vezes, são estruturados em torno de símbolos que remetem à identidade nacional, à proteção da pátria ou à ideia de virtude, ativando desejos inconscientes de coesão e de exclusão de inimigos, sejam eles reais ou imaginários (Kernberg, 1998).

Este estudo se propôs a analisar, sob uma ótica psicanalítica, como esses discursos e dinâmicas de liderança se repetem ao longo do tempo, tanto em exemplos históricos distantes quanto em situações mais contemporâneas, sugerindo que o fenômeno ainda é recorrente nos dias atuais.

A pesquisa buscou entender como crises sociais e políticas fornecem o contexto ideal para o surgimento desses líderes carismáticos, que se valem de uma retórica emocional e simbólica, capaz de manipular as pulsões inconscientes das massas.

A partir de exemplos históricos de lideranças que ascenderam em tempos de incerteza, explorou-se a relação entre o discurso político e os mecanismos inconscientes que ele mobiliza. A aceitação das massas a esses líderes foi examinada por meio de conceitos psicanalíticos fundamentais, como a transferência, a identificação e o narcisismo, mecanismos descritos por Freud em diversas de suas obras. Tais conceitos permitem compreender por que, em momentos de grande vulnerabilidade, a população tende a depositar suas esperanças em figuras que parecem ser a personificação de suas aspirações e medos.

Embora a pesquisa se apoie em exemplos passados, como o surgimento de lideranças autoritárias na Europa durante períodos de instabilidade, ela também lança luz sobre como essas mesmas dinâmicas se manifestam em tempos mais recentes, analisamos o cenário político brasileiro e as motivações da população, enquanto massa, ao eleger certas figuras de liderança. Investigamos também, como a mídia participa na construção da imagem desses líderes e colabora para a unificação de setores populares em torno de figuras idealizadas de autoridade.

As campanhas eleitorais presidenciais desde 2014 foram caracterizadas por discursos intensos e provocativos, tanto dos candidatos quanto da população. Com

o avanço do ambiente digital, passamos a debater mais sobre a política, especialmente nas redes sociais. Diante desse cenário as campanhas políticas se tornaram cada vez mais personalizadas, onde através da internet o eleitor passa a acompanhar com mais amplitude somente o conteúdo do candidato ou partido com o qual se identifica, tendo quase que nenhum acesso a outros com os quais discorda (Gorton, 2016). Embora essa seletividade apresente maior autonomia para o usuário, pode acabar reduzindo o engajamento do cidadão ao debate democrático.

Estudos mostram que uma parte significativa da população brasileira, especialmente entre os jovens de 16 a 34 anos, enfrenta sentimentos de insegurança (88%), tristeza (79%), desânimo (78%), irritação (68%) e medo do futuro (59%) ao refletir sobre o país (Passos, 2018 *apud* Glória Filho & Modesto, 2023). Diante desse cenário, surge a hipótese de que essas emoções proporcionariam a abertura psicológica da população para o aparecimento de demagogos — líderes carismáticos e populistas que ressaltam características heróicas e messiânicas em sua busca pelo poder. Crises econômicas, polarização política e colapsos institucionais criam um terreno fértil para esses aspirantes a líderes, que, ao explorar os anseios inconscientes das massas, conseguem mobilizar grandes contingentes populacionais em torno de promessas que apelam tanto ao racional quanto ao emocional. Dessa forma, este trabalho pretende contribuir para uma compreensão mais profunda e psicanalítica das forças que impulsionam o surgimento de líderes carismáticos em tempos de crise, oferecendo uma análise que vá além das explicações puramente políticas ou sociológicas. Ao revelar os processos inconscientes que sustentam essa relação entre líder e liderados, busca-se lançar luz sobre um fenômeno que, embora histórico, continua a se repetir com nuances e características próprias, sempre que o contexto permite.

Portanto, este trabalho tem como objetivo compreender o fenômeno do surgimento de líderes populares e o comportamento das massas à luz da Psicanálise. Busca-se investigar as características psicológicas que compõem o carisma e a influência emocional exercida por esses líderes, analisando também os contextos sociais, políticos e econômicos que favorecem sua ascensão. Além disso, pretende-se examinar o papel da mídia — desde os meios tradicionais até as plataformas digitais — na construção da imagem do líder e na disseminação de discursos que mobilizam afetos coletivos, muitas vezes reforçando a polarização e a divisão social.

A relevância deste estudo se apoia na contribuição freudiana sobre a formação das massas e sua relação com a figura de autoridade, articulando essa perspectiva às transformações contemporâneas da comunicação e da vida política. Compreender como a adesão a figuras carismáticas se sustenta em mecanismos inconscientes, permite lançar luz sobre processos de idealização e obediência que ainda estruturam as relações sociais. No contexto brasileiro, marcado por crises cíclicas e pelo impacto das mídias digitais, tal reflexão se mostra essencial para a construção de uma consciência política mais crítica e para o fortalecimento da autonomia subjetiva frente aos discursos populistas e autoritários.

2. MÉTODO

2.1 Natureza da Pesquisa

Este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa na qual é "[...] desenvolvida com base em material já elaborado como livros, artigos e teses" (Gil, 2007). Essa pesquisa bibliográfica possui caráter exploratório, pois possibilita maior familiaridade com o problema, aprimoramento de ideias ou descoberta de intuições (Gil, 2007), além de se apresentar como um dos principais meios de atualização e desenvolvimento intelectual de um pesquisador (Da Silva *et al.* 2021).

Considerando o tema do presente trabalho, o estudo concentrou-se na análise dos líderes populares e dos processos de formação das massas. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica para compreender o fenômeno de como as massas se formam, como elegem seus líderes e como essas figuras exercem o seu poder. Sob a perspectiva psicanalítica, buscou-se identificar as características psicológicas envolvidas nessa relação e a figura de alguns líderes populistas e autoritários e, acima de tudo, carismáticos para essa parcela da população. Portanto, não se busca a verificação empírica de hipóteses, mas a interpretação conceitual de fenômenos sociais e políticos a partir de uma leitura psicanalítica, articulando conceitos da Psicanálise Clássica Freudiana e de autores da contemporâneos, com contribuições da Psicologia Social, História e das Ciências Políticas.

2.2 Fontes

Como fontes primárias para esta pesquisa foram selecionadas as obras *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921/2011), *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2013) e *O Mal-Estar na Civilização* (Freud, 1930/2010). Também foram consideradas obras como *Economia e Sociedade: Fundamentos Da Sociologia Compreensiva* (Weber, 2012), *Estudos Sobre a Personalidade Autoritária* (Adorno, 1950/2019), *Ensaio de Psicologia Social e Psicanálise* (Adorno, 2015), *Anatomia da Destrutividade Humana* (Fromm, 1983) e *O Medo à Liberdade* (Fromm, 1941). Além de contribuições de autores contemporâneos como Safatle (2016;2022), Bezerra (2020) e Kernberg (2000), que ampliam a discussão entre Psicanálise e Política. Como fontes secundárias, foram utilizados artigos científicos, dissertações e livros que tratam sobre o fenômeno do comportamento das massas, o carisma político, o perfil psicológico de líderes e o papel da mídia na construção de figuras de poder.

2.3 Procedimentos

As buscas foram realizadas em bases de dados online como: *Scielo*, *PubMed* e *PsycInfo*, além de uma busca exploratória no *Google Scholar*. Selecionaram-se livros sem delimitação temporal, enquanto para artigos, dissertações e teses deu-se prioridade para publicações mais recentes (a partir de 2014).

2.4 Considerações Finais sobre o Método

Este trabalho buscou aprofundar a compreensão das motivações psíquicas que influenciam a escolha dos líderes pelas massas e a dinâmica dessa relação. A pesquisa investigou a formação dos líderes, o surgimento das massas, os cenários favoráveis a esse fenômeno, suas manifestações no Brasil, bem como o papel da mídia na disseminação e consolidação de lideranças políticas. O objetivo foi esclarecer o processo psicológico que impulsiona a ascensão de um líder, assim como as estratégias psicológicas que ele utiliza para influenciar as massas. Desta forma, buscou-se integrar a Psicanálise às questões políticas e sociais, estimulando o debate de novas ideias e contribuindo com um conhecimento mais profundo nesta área pouco explorada. Além de enriquecer a literatura acadêmica, a pesquisa visa promover uma maior conscientização da população na escolha de seus líderes.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Psicanálise e as Massas

A Psicanálise, enquanto campo clínico e teórico inaugurado por Freud no final do século XIX, propõe uma escuta que se diferencia de abordagens que visam à mera adaptação social ou à supressão dos sintomas. Sua atenção recai sobre o sujeito em sua singularidade, permitindo que se revelem os sentidos ocultos presentes na fala, nos sonhos, nos atos falhos e nos sintomas que emergem como marcas de conflitos inconscientes. Freud concebe a Psicanálise como um método de investigação dos processos mentais inconscientes, uma forma de tratamento baseada nessa investigação e, sobretudo, uma teoria sobre o funcionamento do psiquismo humano. No coração dessa teoria está o conceito de inconsciente — um sistema ativo, pulsante, onde permanecem conteúdos reprimidos que continuam a influenciar pensamentos, emoções e comportamentos mesmo sem acesso total à consciência. A partir de 1923, Freud propõe o modelo estrutural da mente, compreendendo o psiquismo dividido em três instâncias: o id, o ego e o superego. O id representa o pólo pulsional, o reservatório de desejos e impulsos inconscientes, governado pelo princípio do prazer, sem considerar normas, tempo ou lógica. O ego surge como mediador entre as exigências do id, as imposições do superego e as condições da realidade — operando sob o princípio da realidade, busca soluções possíveis para os desejos inconscientes sem romper com a organização social. Já o superego carrega a herança das proibições e ideais parentais e culturais internalizados, exercendo função de censura e crítica, capaz de provocar sentimentos de culpa, vergonha ou orgulho. A saúde psíquica, nesse panorama, depende da capacidade do ego de manter um equilíbrio possível entre essas forças, evitando tanto a dominação pulsional quanto uma rigidez moral paralisante.

No processo de constituição do sujeito, destaca-se a identificação como um operador fundamental. Freud compreende a identificação como o primeiro vínculo afetivo estabelecido com o outro e um mecanismo decisivo na formação do ego. Desde os primeiros contatos com figuras parentais até os vínculos idealizados que se constroem ao longo da vida, o sujeito se constitui por meio de identificações sucessivas e inconscientes que moldam sua maneira de estar no mundo. Nesse sentido, a identidade não é algo dado, fixo ou natural, mas um processo em constante formação, permeado por laços afetivos e imaginários. Como Freud escreveu em 1921, “a identificação é o mais originário vínculo afetivo com outra

pessoa” — expressão que encontra eco nos desdobramentos propostos por Lacan (1949/1998), ao situar a constituição do eu no “Estádio do Espelho”, momento em que o bebê, ao se ver refletido, se identifica com a imagem especular, criando uma unidade ilusória que sustenta o sentimento de identidade, ainda que esta seja sempre atravessada por alienações.

Winnicott, por sua vez, oferece uma perspectiva que amplia essa compreensão ao enfatizar o papel do ambiente nas primeiras experiências da criança. Para ele, o “self verdadeiro” só pode emergir em um contexto suficientemente bom — um ambiente que acolhe, sustenta e permite à criança experimentar e expressar sua espontaneidade. Em situações em que esse acolhimento falha de maneira significativa, instala-se o “falso self”: uma estrutura defensiva e adaptada às expectativas externas, que preserva o funcionamento, mas esvazia a autenticidade do sujeito. A constituição da identidade, nesse olhar, é tão relacional quanto interna — ela depende da presença e da qualidade das experiências ambientais que favoreçam o amadurecimento emocional. Como apontado por Winnicott em *O Brincar e a Realidade* (1971), é no jogo entre dependência e frustração possível que o bebê começa a se tornar um ser autêntico.

Outro elemento importante na constituição subjetiva são os mecanismos de defesa — estratégias psíquicas que visam proteger o ego diante de angústias e conflitos. Dentre eles, a projeção se destaca por sua sutileza e potência: trata-se do movimento pelo qual o sujeito atribui a outra pessoa sentimentos, desejos ou pensamentos que não reconhece como seus. Assim, alguém que inconscientemente sente inveja pode acreditar que está sendo invejado. A projeção permite, temporariamente, o alívio da tensão interna, mas também pode gerar distorções nas relações e alimentar dinâmicas de repetição sintomática. No *setting* analítico, essa projeção pode emergir com nitidez, sobretudo quando os relatos sobre os outros ganham um tom afetivo desproporcional, revelando aspectos recalcados do próprio sujeito. O trabalho clínico, nesse ponto, visa não à eliminação do mecanismo, mas à sua simbolização — isto é, à possibilidade de que o sujeito reconheça e aproprie esses conteúdos, reconstruindo narrativas mais compatíveis com sua verdade interna.

A Psicanálise, portanto, oferece uma leitura profunda e complexa da constituição subjetiva, compreendendo a identidade como resultado de uma história de identificações, de experiências ambientais e de processos inconscientes. Longe

de propor uma ideia de sujeito unificado ou transparente a si mesmo, revela um eu em constante negociação com o desejo, com a linguagem e com o outro — sempre em movimento, sempre em falta. E é nessa falta que a massificação trabalha se utilizando dessa busca por algo que preencha, apresentando ao indivíduo um grupo para pertencer.

O primeiro passo para manejar uma massa é fazer com que seja extinto o conceito individual e se aceite os termos do grupo, este ganha uma espécie de denominação, com suas devidas características e atitudes, ninguém mais responde por si, mas todos se movimentam em interesse grupal, a isso Le Bon (*apud* Freud, 1921) chamou de “massa psicológica”, onde não importa o quão diferentes sejam os indivíduos que a compõem, desde que estejam unidos por um ideal eles se fundem em apenas um, como células que criam um novo ser.

Contudo e apesar de suas diferenças individuais deve haver algo que os assemelha a ponto de criarem juntos uma nova massa, aquilo que os caracteriza, talvez algum valor em comum, que possa vir a ser suscitado por um “indivíduo destaque”, a que futuramente possa se tornar um líder. Esse líder se torna o ponto de convergência para os desejos comuns do grupo, pois nele se identificam traços que refletem suas próprias aspirações. Segundo Freud (1921), a identificação é um processo psíquico fundamental pelo qual um indivíduo internaliza características de outro, adotando-as como suas.

No contexto da massa, os indivíduos veem no líder a personificação de seus valores essenciais, o que gera uma forte conexão emocional. Além disso, ocorre também o processo de projeção, no qual os membros do grupo transferem para o líder suas próprias expectativas e ideais, atribuindo a ele qualidades que muitas vezes não possuem em si mesmos, mas desejam ter. Desta forma, se o valor em comum for a pátria e a família, por exemplo, este líder se utilizará desses elementos para gerar identificação, posando ao lado da “família ideal”, exaltando a pátria e fazendo uso de elementos emocionais e relevantes para esse grupo, que reforçam a sensação de pertencimento, fazendo da massa leal, a ele e seus interesses, que se tornam compartilhados. Esse vínculo afetivo pode se estender inclusive a instituições, como a igreja ou uma entidade maior como Deus, fortalecendo ainda mais a coesão e a devoção ao líder como símbolo máximo do grupo.

Neste ponto, é possível identificar o que Lacan denomina de “Grande Outro” — um conceito central para entender como líderes carismáticos constroem discursos

capazes de mobilizar as massas. Essa instância simbólica organiza a linguagem, as normas e as expectativas sociais, funcionando como referência estruturante para os sujeitos. No campo político, ela pode assumir a forma de entidades abstratas como o Estado, Deus, a Nação ou a Democracia, atuando como autoridade que legitima os discursos. Líderes populistas frequentemente se apresentam como porta-vozes desse "Grande Outro", assumindo o papel de intérpretes legítimos do desejo coletivo. Ao prometerem restaurar uma ordem perdida, corrigir injustiças ou proteger o povo de supostos inimigos internos e externos, constroem uma narrativa na qual as massas projetam suas esperanças e angústias. Essa dinâmica reforça a relação de identificação e dependência simbólica entre líder e seguidores, o que explica o forte apelo emocional de determinados discursos.

A profundidade dessa identificação também fortalece a rigidez da visão de mundo dos indivíduos inseridos nesse processo. Quanto mais o líder se consolida como representante do "Grande Outro", mais difícil se torna para seus seguidores questionarem sua autoridade ou alterarem suas crenças, mesmo diante de evidências concretas que contradigam o discurso estabelecido. Nesses casos, a figura do líder adquire um peso simbólico que resiste à contestação, levando o indivíduo a duvidar dos fatos antes de duvidar daquele que se apresenta como o único intérprete legítimo da realidade.

3.2 O Conceito de Líder Carismático

O termo "carisma" tem origem no grego, derivado de "khárisma", que significa "graça" ou "dom" (Michaelis, 2023). Inicialmente, o conceito estava associado a um sentido mais religioso e espiritual, sendo atribuído a dons divinos ou habilidades extraordinárias de um indivíduo. O significado da palavra evoluiu e passou a ser referência para descrever a capacidade de uma pessoa de influenciar, atrair e inspirar os outros. Para o propósito deste estudo, adotaremos a definição que se refere à habilidade de uma pessoa, especialmente de líderes políticos, de influenciar e mobilizar grupos em torno de objetivos comuns.

Freud em 1921 foi um dos primeiros a sugerir que a massa "não pode jamais viver sem um senhor", uma ideia expandida em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, ao afirmar que a liderança se baseia em um poder enigmático e irresistível. Para o autor, esse tipo de prestígio é uma forma de influência que uma pessoa, uma obra ou uma ideia tem sobre nós, que impede nossa capacidade de questionamento e

nos gera um sentimento de admiração e reverência. Essa influência cria uma conexão emocional intensa entre líder e liderados, tornando a admiração inquestionável por meio de processos inconscientes de identificação e projeção.

O carisma ou o prestígio, tem um impacto significativo na política, quando bem utilizado pode ser uma ferramenta poderosa para unir pessoas em torno de um objetivo comum se tornando uma base sólida de poder e promover mudanças significativas na sociedade. Uma figura carismática consegue criar um vínculo de lealdade e confiança profunda (Weber, 2012). Esse vínculo pode gerar um senso de pertencimento e motivação, incentivando as pessoas a se posicionarem mais ativamente no campo político, seja por meio do voto, debates ou movimentos e ações coletivas.

Líderes carismáticos costumam ser vistos como inspiradores e muitas vezes como agentes de mudanças sociais e políticas significativas, devido à capacidade de entusiasmar e comprometer as massas. Esse tipo de conexão pode ser uma fonte revitalizadora em tempos difíceis, pois permite que as pessoas encontrem significado e continuidade na vida em contraste com a alienação e o isolamento do mundo material (Lindholm, 1993 *apud* Da Silva, 2019). Exemplos notáveis de líderes carismáticos de prestígio incluem Barack Obama e Nelson Mandela, que, em momentos de crise, conseguiram unir suas nações e transmitir esperança. Obama, com sua retórica inspiradora e discurso inclusivo, incentivou milhões de pessoas a acreditarem na mudança e no progresso. Já Mandela, após anos de luta contra o *apartheid*, foi capaz de reconciliar uma nação dividida, promovendo um novo sentido de unidade e justiça. Ambos demonstram como o carisma, quando aliado a um propósito maior, pode ser um motor poderoso para transformação social e política.

Entretanto, líderes agressivos e carismáticos como foram definidos por Moscovici (1985 *apud* Lencastre et al., 2022) recorrem a estratégias retóricas como o apelo ao medo, a construção de um inimigo comum e a promessa de redenção (Danziato et al., 2020). Essa tática é frequentemente empregada em contextos democráticos fragilizados, onde a vulnerabilidade coletiva é instrumentalizada para justificar medidas autoritárias (Levitsky & Ziblatt, 2018). Um exemplo emblemático é Adolf Hitler, que ascendeu ao poder ao explorar o medo e a insegurança da população alemã durante a Grande Depressão (Schilling, 2019). Os seus discursos ergueram multidões e suscitaram um arrebatamento amoroso e ideológico; Hitler foi

visto como um profeta messiânico capaz de regenerar a nação (Lencastre et al., 2022).

De acordo com Charaudeau (2005 *apud* De Oliveira, 2023), em democracias contemporâneas, onde há predominância do individualismo e distanciamento da política, o *ethos* desses líderes está sendo cada vez mais levados em maior consideração pelo povo. Essa imagem criada por seus seguidores se mostra tão forte que conduz a uma espécie de “crença cega” no líder, e este é visto apenas por suas qualidades e virtudes.

A dominação carismática definida por Weber (2012), é como um poder que emerge quando as estruturas tradicionais entram em colapso e as massas anseiam por uma figura notável capaz de restaurar a ordem. A dominação carismática ignora normas jurídicas e estruturas racionais, baseando-se na relação pessoal entre o líder e seus seguidores, fundamentada na graça divina ou na força heroica. Segundo Freund (2003) tal dominação subverte valores estabelecidos e rompe com as normas tradicionais e racionais, se mostrando como o meio mais frequente de subverter um regime tradicional ou legal. Dessa forma, a dominação carismática não apenas preenche o vácuo deixado pelo colapso institucional, mas também impõe uma nova ordem, muitas vezes à margem das convenções e das leis.

Em um contexto político, social e econômico mais estável, é possível que Hitler não tivesse conquistado o apoio massivo da população. Jamais poderemos responder com certeza. O que podemos afirmar é que períodos de insegurança e descontentamento criam condições propícias para o surgimento de líderes carismáticos, populistas e autoritários. Conhecer o fenômeno, principalmente no cenário atual, nos mostra ser prudente não somente para entender os erros do passado, mas também para prevenir que se repitam. Estamos, portanto, diante de um fenômeno real, embora incomum, com raízes diversas na psicologia humana e cujos impactos, pessoais quanto coletivos, moldaram e continuam a influenciar a história da humanidade.

3.3 O Perfil Psicológico do Líder Carismático

Para fins deste estudo, interessa compreender o perfil psicológico de líderes carismáticos em sua expressão negativa, marcados frequentemente por traços autoritários, populistas, personalistas, messiânicos, fascistas e manipuladores.

Em *O Mal-estar na Civilização* (1930), Freud discute como a existência humana é marcada por frustrações, limites e angústias; as pessoas são atravessadas por tensões e pulsões e exigências da civilização. Pode-se compreender o sujeito autoritário como alguém que reage a essas condições e opera defesas que o afastam da castração simbólica. O líder autoritário, ao recusar essa incompletude inerente da condição humana, tenta se construir como alguém que tudo controla e tudo possui, encarnando, assim, a figura do “Pai da horda”.

Em *Totem e Tabu* (1913), Freud descreve o mito da horda primitiva, na qual o “Pai”, que exerce uma autoridade absoluta sobre o grupo, é assassinado pelos filhos, gerando um sentimento de culpa coletiva e dando origem à lei, à moral e à cultura. A figura desse Pai morto permanece como um totem – símbolo da autoridade que era do Pai – e sua ausência cria a necessidade de uma substituição simbólica dessa função. A partir da proposta de Freud pode-se compreender que esse vácuo de poder precisa ser preenchido; Moscovici (1985 *apud* Lencastre et al., 2022) acredita que o mau líder carismático, reencarna como o pai primordial, ao invés de se submeter à lei do pai totêmico. Ele se auto elege como o chefe original e se beneficia de inúmeros privilégios da autoridade, sem qualquer regulação moral ou social (Lencastre, 2022). Tal figura representa aquele que tudo pode, tudo detém, e diante de quem todos devem se curvar.

Esse lugar do Pai absoluto não é apenas um papel desempenhado politicamente, mas a realização de um desejo narcísico inconsciente de retorno a uma posição de completude e supremacia. De acordo com Bezerra (2020), embora o líder ocupe o lugar simbólico do pai mítico, este não se limita a encarnar a figura do chefe viril e de um gozo inacessível. Para sustentar a sua posição ele também deve se apresentar como “gente como a gente”, adotando uma imagem de um “pequeno grande homem” (Adorno, 1951 *apud* Bezerra, 2020). Alguém que circula entre as pessoas comuns, como se fosse apenas mais um, mas que, ao final, revela-se como o “salvador”.

Em uma declaração de junho de 2016, um deputado federal ao ser questionado se adequaria seu discurso à situação de pré-candidatura para a presidência respondeu: “*Costumo dizer que não falo o que o povo quer. Eu sou o que o povo quer*”. Nessa frase há uma identificação com a figura do líder absoluto, que não se posiciona apenas um representante, mas como a própria encarnação do desejo do povo. Esse discurso reflete o desejo de um “Pai” onipotente, despótico, e

com controle absoluto, indo de acordo com a concepção freudiana do líder como figura da horda primitiva (Fuks, 2019).

É comum no meio político, que candidatos apareçam em situações corriqueiras do cotidiano, na tentativa de construir uma imagem de "homem do povo", buscando reforçar sua identificação com o público e aproximar-se da massa numa encenação de uma figura popular e acessível (Ferraz et al., 2024), movimento de caricatura típica populista como analisado por Fischer & Vaz, 2020. Assim, como propõe Safatle (2015), o líder da massa aparece como uma mistura de pai severo e bufão desajeitado, que aparenta ter as mesmas fraquezas e desejos que o povo, facilitando dessa forma a identificação narcísica com a massa.

No campo psíquico, figuras autoritárias tendem a projetar suas agressões internas, provenientes de conflitos não resolvidos, sobre figuras externas (Cavalcanti, 2023). Segundo Da Costa (2019), há uma relação entre o autoritarismo e o conservadorismo, devido a uma infância marcada por restrições, críticas e rigidez das figuras parentais. Por ser o primeiro modelo de relação social vivido, a família acaba sendo idealizada por esses sujeitos como o sistema mais eficaz para a manutenção da ordem: um espaço hierarquizado, com uma figura de autoridade central a quem os demais devem obediência e subordinação, em troca de proteção e segurança (Cavalcanti, 2023).

Adorno (2007 *apud* Vieira, 2023) também aponta que indivíduos criados em ambientes familiares marcados por uma figura paterna excessivamente dominadora e opressiva tendem a desenvolver traços autoritários em sua própria personalidade. Um exemplo contemporâneo que demonstra os efeitos de um contexto familiar rígido na formação psíquica de líderes carismáticos e autoritários pode ser evidenciado no atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. De acordo com Mary Trump (2020), psicóloga clínica e sobrinha de Trump, em seu livro *Demasiado e nunca suficiente: Como minha família criou o homem mais perigoso do mundo*, relata que pai de Trump era um homem cruel, autoritário, controlador e emocionalmente indiferente e que ele foi criado em um ambiente que reprimia a vulnerabilidade e exaltava a competição.

Experiências de sofrimento precoce em contextos familiares desestruturados permeados por abusos e negligência costumam comprometer os processos de identificação na infância, resultando na constituição de um Eu fragilmente estruturado, levando o indivíduo a buscar refúgio no narcisismo grandioso e a operar

em grande medida em um funcionamento em processo primário (Itzkowitz, 2018 *apud* Lencastre et al., 2022) modo de funcionamento descrito por Freud (1911/1996) que o indivíduo regido pelo princípio do prazer, prioriza a satisfação imediata dos desejos e desconsiderando os limites impostos pela realidade, levando à oscilação permanente entre estados de megalomania e sentimentos profundos de aniquilação e desvalorização (Haycock, 2019).

Em relação às personalidades psicopáticas, Erich Fromm (1964), identificou um tipo de agressividade maligna como resultante de maus-tratos ou ausência paterna. Em 1974, o autor em sua obra *Anatomia da Destrutividade Humana*, aplicou esse conceito à análise de figuras históricas como Hitler, Himmler e outros oficiais nazistas, cujas práticas de tortura e extermínio expressam uma forma extrema de agressividade destrutiva. Fromm acredita que a pulsão por poder está ligada a uma tentativa de superar um sentimento profundo de impotência e insignificância, exercendo o controle sobre os outros seja por meio de força, manipulação ou coerção, para assim buscar a própria identidade e valor.

Uma pesquisa realizada por Nai & Coma (2019), analisou as personalidades de 152 candidatos em eleições em 73 eleições em todo mundo, incluindo 33 que se identificaram como populistas, e revelou que esses líderes frequentemente apresentam perfis psicológicos distintos. Em particular, os populistas apresentaram pontuações significativamente baixas em traços como afabilidade, estabilidade emocional, responsabilidade e disciplina, enquanto apresentaram altos valores em extroversão, tendência a buscar atenção e admiração, insensibilidade e ausência de remorso, manipulação e comportamentos estratégicos Nai & Coma (2019 *apud* Lencastre et al., 2022). Como apontam Thiers & Wehner (2022 *apud* Lencastre et al., 2022), tais construções imaginárias quando presentes em lideranças com acesso ao poder se mostram perigosas ameaçando a estabilidade política em escalas tanto nacionais quanto internacionais. Por tudo isso, o perfil psicológico do líder carismático, a partir da Psicanálise, pode ser compreendido como a manifestação de uma subjetividade marcada pelo narcisismo defensivo, pela paranoia projetiva, pela rigidez do pensamento e pela necessidade inconsciente de ocupar o lugar de um Pai absoluto. Tal como propõe Freud (1913) em *Totem e Tabu*, o desejo de restauração dessa autoridade primitiva reaparece no campo político sob forma de ideal coletivo. Esse funcionamento psíquico não apenas estrutura sua conduta política, mas também define a ideologia que o sustenta: uma ideologia que promete ordem total,

eliminação da diferença e restauração de uma unidade mítica perdida — ao preço da repressão, da violência e da supressão da alteridade.

3.4 Cenários: Condições para o Surgimento de Líderes Carismáticos

Buscamos aprofundar a compreensão sobre os cenários e situações que favorecem o surgimento de líderes carismáticos, sejam eles populistas, demagogos ou autoritários, explorando as condições históricas, psicológicas e sociopolíticas que propiciam esse fenômeno.

Em contextos de instabilidade e incerteza, é comum que as pessoas sintam dificuldade em se conectar com o presente e em imaginar projetos futuros. Algumas pesquisas na área de Ciências Políticas indicam que, nesses cenários, cresce um tipo de nostalgia coletiva que intensifica o afastamento da realidade (Smeeke et al., 2018). Tal instabilidade gera um estado de anomia, marcado pela perda de direção, de valores, propósitos e ideais (Lima et al., 2022). Ocorre um esvaziamento das referências sociais e simbólicas, marcado pela percepção do colapso das lideranças políticas e pela percepção da ruptura do tecido social (Teymoori et al., 2016).

Em 2015, Teymoori e colaboradores aplicaram a Escala de Percepção de Anomia em 28 países, identificando os maiores escores em Paquistão, África do Sul, Polônia, Hungria e Brasil. Os resultados sugerem que a anomia apresenta correlação positiva com os altos níveis de corrupção, desigualdade econômica, pobreza e desemprego. Esse cenário, de acordo com Sprong e cols. (2019 *apud* Lima et al., 2022), favorece o aumento do desejo por lideranças autoritárias e populistas, assim como as preocupações materialistas, que quanto maiores, também influenciam para esse desejo por um líder que promete restabelecer a ordem. Corroborando esses dados, uma pesquisa realizada em 2017 pelo Centro de Estudos de Opinião Pública da Unicamp, revelou que o apoio a ideias autoritárias do Brasil foi 8,10 pontos (em uma escala de 1 a 10). A adesão foi maior em indivíduos da Classe D/E, com menor escolaridade e acima de 60 anos. Curiosamente, jovens de 16 a 24 anos apresentaram maior inclinação ao autoritarismo do que adultos entre 25 e 44 anos. E cerca de 85% dos entrevistados concordaram com a assertiva, “O que este país necessita, principalmente, antes de leis ou planos políticos, é de alguns líderes valentes, incansáveis e dedicados em quem o povo possa depositar a sua fé” (Lima et al., 2020).

Essa sensação crescente de insegurança existencial faz com que as pessoas busquem por líderes “fortes”, que consigam protegê-las do “perigo” (Lima et al., 2022). Diante do medo, o indivíduo procura por algo ou alguém valorizado socialmente, a quem possa vincular o seu ego ao não suportar mais sua identidade individual; é uma tentativa de reencontrar a segurança ao abdicar-se de si mesmo a uma autoridade externa, uma forma de reforçar o ego enfraquecido (Fromm, 1983). Segundo Reich (1933/2009), os indivíduos tendem a projetar no líder a figura de um pai – severo, porém protetor. Esses líderes dominam o uso de estratégias de manipulação emocional e de propaganda para promover uma narrativa de inimigo comum e justificar atitudes radicais sob o pretexto de proteger um grupo ou nação (Luz, 2024). Líderes como Hitler e Mussolini no passado, ou exemplos contemporâneos como Trump, Orban, Milei e Netanyahu exploram esse sentimento coletivo, e amplificam o ódio reprimido nas massas, assumindo frequentemente a função simbólica de salvadores da nação e prometendo proteção, segurança e bem-estar aos seus seguidores (Dos Santos, 2024).

No contexto brasileiro contemporâneo, observa-se que o medo da violência e a sensação de insegurança coletiva se tornaram elementos centrais na sustentação de discursos autoritários e punitivistas. Como demonstra Lima et al. (2020), o medo atua como fator emocional determinante na adesão a posições autoritárias e na aceitação de líderes que se apresentam como defensores da ordem e da moralidade. Os autores apontam que o pânico moral tem sido eficazmente explorado por porta-vozes autoritários, que se valem da insegurança cotidiana para legitimar a repressão e o controle social. Essa dinâmica confirma a leitura psicanalítica de que o medo, enquanto afeto coletivo, favorece a regressão e a busca por figuras de autoridade que prometem segurança e estabilidade, repetindo o movimento inconsciente de transferência da responsabilidade individual para o líder, descrito por Freud (1921/2011).

Nos discursos neoliberais contemporâneos, o medo é um dos afetos mais explorados e constantemente mobilizados: medo da violência, da perda de bens, da invasão da privacidade, do colapso moral e entre outros (Cavalcanti, 2023). Essa sensação de ameaça constante gera uma cultura de emergência, onde tudo parece justificar a busca por proteção e controle. Nesse cenário, a criação de “bodes expiatórios” e inimigos imaginários tornam-se dispositivos psíquico-políticos que

oferecem sentido à instabilidade e à sustentação da adesão social a projetos autoritários (Safatle, 2015).

Nesse contexto, instala-se a velha dicotomia do “nós” contra “eles”, onde a massa se torna cada vez mais unificada em torno de um referencial em comum. Quando polarizados em grupos fortemente antagônicos, sistemas políticos democráticos tornam-se extremamente vulneráveis, podendo levar ao colapso, ao golpe de Estado, à guerra civil ou a uma hegemonia autoritária (Dahl, 2005 *apud* Schargel, 2022). Podemos pegar como referência a Itália entre 1919 e 1923, marcada pelo confronto entre liberais e fascistas, que viu seu regime democrático ruir, culminando na ascensão de Mussolini e na instauração do fascismo.

Essa lógica da unificação por meio da exclusão pode ser encontrada na obra *A Personalidade Autoritária* de Adorno (1951/2015), para quem o apontamento de um inimigo externo constitui um dos elementos estruturais para a formação da massa. Da mesma maneira, Lacan (1969–1970/1992), em sua obra *Seminário 17 – O Averso da Psicanálise*, aponta que só é possível pensar em fraternidade a partir da segregação. Assim, a massa se organiza em torno desse “nós” ameaçado por um cenário instável e mobilizado pela identificação de um “culpado”. Freud (1921/2011), também reconhece esse mecanismo ao afirmar que sempre é possível unir um grande número de pessoas pelo amor, desde que sobre outras pessoas para descarregar a agressividade.

Esse mecanismo segue operando no presente, quando vemos discursos de ódio contra tudo o que se apresenta diferente da ideologia de determinada massa, fenômeno em que o debate democrático dá lugar ao confronto ideológico. É possível observar no discurso de diversos líderes atuais uma estética que traz à tona sentimentos hostis e histéricos da massa. O perigo é o imigrante que rouba vagas de emprego, muçulmanos que são rotulados como terroristas, o comunismo ou tudo o que é considerado desviante, principalmente as minorias (Richter, 2017; Dos Santos, 2024).

De acordo com Van Prooijen (2018), um clima político polarizado potencializa a criação de teorias conspiratórias intensificando os antagonismos entre grupos ideológicos opostos, que se agravam ainda mais com o uso da internet como meio de propaganda política. A criação de uma narrativa conspiratória nesse contexto serve como um recurso eficaz. E não importa a quantidade de evidências apresentadas contra ela - em sua essência as teorias de conspiração não são

falsificáveis - pois a crença em uma teoria da conspiração pelos seus adeptos se torna uma questão de fé, e não de prova (Barkun, 2003 *apud* Dos Santos, 2024). Essa rigidez ideológica e discursiva oferece uma base emocional estável para alguns indivíduos em tempos de crise, e muitos líderes se aproveitam desse momento para emergirem e legitimarem a exclusão simbólica (ou até real) daqueles que divergem.

Um ambiente político dividido e hostil, onde há uma polarização principalmente do tipo afetiva – emoção negativa dirigida a um grupo político adversário - pode produzir efeitos nocivos à democracia. Esse tipo de polarização leva os eleitores de determinado grupo a questionarem a legitimidade das investigações, da mídia e até mesmo dos resultados das eleições; e tendem a manter seu apoio ao seu político/líder/partido mesmo diante de escândalos graves e má conduta (Iyengar et al., 2019).

Para Picussa (2023), esse cenário antagônico também se mostra propício para surgimento dos chamados *outsiders*, sendo o *outsider* caracterizado como alguém que ascende politicamente fora desses partidos, ou como políticos independentes, ou associados a partidos novos ou pouco relevantes. Líderes desse tipo em geral possuem tendências autoritárias e populistas, além de fazerem do uso de discursos contra ao status quo e *antiestablishment* (discursos e atitudes que vão contra às instituições tradicionais de poder - partidos, política, imprensa, sistema judiciário etc.), ideias essas que demonstram ser um terreno propício para que o populismo surja e ganhe força (Barbosa, 2017). No Brasil, temos como exemplo até mesmo *insiders*, que apesar de terem atuado dentro do sistema político, conseguiram convencer os eleitores que não faziam parte da elite política, se autopromovendo como uma alternativa revitalizadora para o sistema atual. Donald Trump e Volodymir Zelensky, são exemplos contemporâneos de *outsiders* que ascenderam ao poder. Antes de ocuparem a presidência, Trump atuava como empresário e Zelensky era comediante e figura midiática, ambos fora do circuito político tradicional (Picussa, 2023).

Em suma, o que podemos observar é que, em momentos de crise e instabilidade, a descrença na política e a polarização afetiva são meios propícios para os surgimentos de líderes carismáticos de viés populista e autoritário. Legitimam-se não por propostas racionais, mas pela capacidade de mobilizar os afetos - esperança, medo, raiva, orgulho nacional, etc. - e com isso convertem as

massas, com a finalidade última de alcançar os anseios psicanalíticos que os movem.

Diante desses cenários de instabilidade e polarização, torna-se fundamental compreender os meios pelos quais os discursos dos líderes carismáticos chegam à população e se consolidam em meio às massas. Nesse sentido, os canais de comunicação, em suas diferentes vertentes ao longo da história, desempenham papel central na construção e disseminação das imagens daqueles que querem se tornar líderes.

3.5 O Papel da Mídia na Construção da Imagem do Líder - A Comunicação como Influência Histórica no Brasil

Se esses líderes historicamente mobilizaram multidões com discursos épicos e empolgantes isso se deve a um meio, os canais de comunicação, pois para alcançar milhões de cidadãos é preciso divulgar amplamente os seus ideais.

Se antes os recursos disponíveis eram o jornal impresso que permitia a disseminação de informações de forma cronológica e controlada, estabelecendo uma relação mais passiva e geral entre emissor e receptor, sendo aquilo que era noticiado selecionado pela redação do próprio jornal, à medida que os eventos iam acontecendo e abrangendo diferentes temas, sem que o consumidor final interferisse muito na seleção do conteúdo. Com o advento da TV e do rádio surgiram mais opções de canais para se consumir, de forma mais direta e emocional, alcançando mais esferas da população, já que, por se tratar de imagem e áudio, não se fazia essencial o conhecimento da leitura e escrita.

Chegando então aos tempos atuais, onde, para além dos meios já citados, temos um novo: as redes sociais. De acordo com uma pesquisa realizada em 2022 pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, entre os brasileiros com acesso à internet, 93% utilizam aplicativos de mensagens instantâneas, como WhatsApp e Skype; 80% possuem perfis em redes sociais como Facebook, Instagram ou TikTok; e 10% se comunicam por meio do X (antigo Twitter). Isso nos mostra como a maneira de se comunicar cresceu na quantidade da população que acessa tais meios e como se tornou dinâmica, já que nos permite receber e produzir informação e opinião de maneira simultânea e rápida; nos trazendo ao fato de que se faz impossível discutir acerca da força democrática em nosso país sem citar as redes e a internet.

A interatividade e a personalização dos conteúdos criaram ambientes

propícios à formação de realidades subjetivas altamente fechadas. Esses espaços digitais, que repassam continuamente apenas conteúdos alinhados aos interesses de cada usuário e reafirmam suas crenças, produzem a ilusão de liberdade de escolha e de acesso irrestrito à informação. No entanto, esse aparente leque de possibilidades promove justamente o efeito contrário: restringe o sujeito ao contato com o mundo exterior, confinando-o a uma realidade filtrada por suas próprias ideias. Causando uma noção de que todos pensam como ele, e aqueles que não o fazem estão errados, criando um instrumento moderno para a ideia do “nós contra eles”, criando um inimigo em comum.

Com o surgimento dos algoritmos nasce uma nova mídia capaz de propagar os ideais que uma liderança escolhe, como trabalhado por Sunstein (2017) podemos notar a criação das “câmaras de eco”, que fomentam a criação de comunidades identitárias. O que a princípio são simples conteúdos, porém podem levar a mudar a direção política de uma nação inteira. Todo esse processo contribui para que haja uma polarização de ideias, formando novas identidades coletivas. Isso não é nenhuma grande novidade, a publicidade se utiliza disso há anos, fazendo este trabalho, monitorando a formação das massas. A diferença se dá em quão mais profundo, rápido e acessível este advento se tornou com as redes sociais, diariamente presentes na vida cotidiana, personalizada e que repassa em tempo real os dados obtidos da disseminação de suas estratégias.

Com o avanço das tecnologias digitais e a crescente mediação das relações por algoritmos, o cenário de liderança carismática descrito por Freud (1921) passa por uma profunda transformação. Se antes o elo entre os sujeitos era sustentado pela identificação comum com uma figura paterna — o líder que concentrava o amor, o ideal e a autoridade —, agora essa função é transferida a uma estrutura impessoal: o sistema algorítmico que organiza o fluxo de informações e afetos. Esse novo dispositivo cria um espaço de identificação horizontal, no qual os indivíduos se reconhecem entre si por meio de gostos, opiniões e desejos compartilhados, guiados por uma lógica de semelhança e pertencimento.

Nessa configuração, o algoritmo opera como uma nova instância superegóica, que não proíbe, mas ordena como gozar, interagir e consumir. A ilusão de liberdade e de personalização, típica das plataformas digitais, encobre a perda do lugar simbólico do sujeito desejante, que passa a ser regulado por métricas de engajamento e por um gozo quantificável. Assim, a figura do Pai, que antes

encarnada em um corpo político, viril e carismático, é substituída por uma autoridade difusa e invisível, que dita silenciosamente o que deve ser visto, pensado e desejado.

Essa lógica é evidenciada por Zuboff (2021), ao analisar como o capitalismo de vigilância transforma dados comportamentais em mercadoria, moldando a ação humana por meio de previsões e intervenções baseadas em algoritmos. Nesse ambiente, o inconsciente é mobilizado não apenas pela repetição de narrativas, mas pela constante retroalimentação da identidade do sujeito com base em um ideal fabricado — um sujeito moldado, controlado e direcionado. Arão (2021), por sua vez, observa que as redes operam como um terreno fértil para o surgimento de discursos de ódio e medo, explorando as pulsões inconscientes e facilitando a constituição de massas digitais que agem em função de afetos primários, muitas vezes inconscientes. Dessa forma, o sujeito imerso nas redes sociais contemporâneas encontra-se em um novo regime de subjetivação, onde o desejo é pré-configurado, a alteridade é silenciada, e a massa se constitui não mais em torno de ideais simbólicos, mas de identificações algorítmicas que reforçam o fechamento narcísico e a polarização. Nesse contexto, é importante considerar um outro dado preocupante: o aumento do analfabetismo funcional no Brasil. Ou seja, daqueles que, embora saibam ler e escrever frases simples, possuem limitação na compreensão e uso da linguagem escrita, inclusive de interpretação e conceitos básicos de matemática. Uma pesquisa feita pelo INAF em 2024 averiguou que o percentual de analfabetos funcionais nas idades entre 15 e 64 anos permanece o mesmo desde 2018: 29%, o que equivale a aproximadamente três em cada dez brasileiros dentro dessa faixa etária. Grande parte dessa população está conectada à internet, tendo acesso a diversos conteúdos que sequer são capazes de interpretar — uma população que elege líderes sem obter a devida propriedade do que é discursado. O que se mostra ainda mais problemático, se observarmos quão avançados e bem desenvolvidos estão os algoritmos, podendo definir eleições e decisões importantes ao redor do mundo. O que ocorreu segundo Hall (2021) no caso do *Brexit* (saída do Reino Unido da União Europeia) já que há suspeitas, incluindo uma investigação, de que a *Cambridge Analytica* poderia ter se utilizado de *Microtargeting* psicográfico, que seria uma estratégia de marketing político que se beneficia de dados comportamentais e psicológicos para segmentar o eleitorado com mensagens personalizadas. A *Cambridge Analytica* teria coletado dados de

milhões de usuários do *Facebook*, sem consentimento, para criar perfis detalhados de personalidade. Com base nesses perfis, a empresa direcionaria anúncios políticos que exploram os medos, valores e crenças específicas de cada grupo, influenciando decisões eleitorais de maneira sutil e eficaz.

Num cenário em que algoritmos moldam desejos, influenciam escolhas políticas e adaptam discursos para cada pessoa, como vimos no caso do *Brexit* e da *Cambridge Analytica*, é urgente pensar sobre os efeitos disso na subjetividade. As mudanças nos meios de comunicação não só alteraram como os discursos políticos chegam até nós, mas também criaram novas formas de sentir, pensar e se relacionar socialmente. Para entender melhor essas transformações, é preciso voltar aos fundamentos da Psicanálise, que nos ajuda a acessar os processos inconscientes que sustentam essas dinâmicas. Propomos, então, uma análise psicanalítica dessas relações, buscando contribuir tanto para a compreensão política quanto para a escuta clínica atual.

3.6 Contribuições da Psicanálise sobre o Tema

Toda a Psicanálise é política, no sentido de que compreende que os sintomas dos indivíduos não são dissociados das condições histórico-sociais em que estão inseridos. O mal-estar não é apenas individual, ele é relacional, econômico, social e coletivo, manifestando-se como sintoma no corpo, na psique e nos vínculos. Ou seja, o indivíduo é um agente e reagente num corpo social. Nos últimos anos, profissionais de Psicologia e Psiquiatria observaram um aumento de relatos de sofrimento como preocupação e ansiedade relacionadas ao cenário político (Turbiani, 2018; SBP, 2018 *apud* Glória Filho & Modesto, 2023). Angústia, medo, tristeza, raiva e insegurança foram os afetos mais identificados nos consultórios diante do contexto atual de polarização política (Glória Filho & Modesto, 2023). O eleitor projeta no candidato de sua escolha a esperança de transformação da realidade, buscando nesse líder uma resposta às angústias sociais vividas.

Esse mal-estar, no entanto, não se restringe apenas aos períodos eleitorais, mas se prolonga no cotidiano, em interações familiares, amizades e espaços sociais em geral. O distanciamento afetivo entre grupos politicamente antagônicos intensifica a hostilidade intergrupala e impacta diretamente o bem-estar subjetivo de diferentes segmentos da população (Iyengar & Krupenkin, 2018). Como resultado, minorias raciais, LGBTQIA+, mulheres e imigrantes vivenciam as consequências

mais duras da polarização, como preconceito e segregação, experimentando sofrimento psíquico persistente (Glória Filho & Modesto, 2023). Por outro lado, os indivíduos que compõem massas hostis mobilizadas pelo ódio e intolerância também se encontram em sofrimento. Como observa Adorno (1967), o líder autoritário não cria o ódio do nada, mas mobiliza afetos já latentes na massa, dando-lhes forma discursiva e legitimando sua exteriorização.

Nesse ponto, torna-se possível articular esse fenômeno ao que Freud (1914/2010) nomeou de recordar, repetir e elaborar. As massas tendem a repetir, de modo inconsciente, antigos padrões de submissão à figura do “Pai” ou do líder carismático, transformando seus medos e desejos recalcados em idealização e dependência. A recordação, por sua vez, implica trazer à consciência os traços históricos e sociais que atravessam esse mal-estar — desde as marcas da colonização e da ditadura até às desigualdades estruturais do presente. A tarefa da Psicanálise, ao ampliar sua presença para além do *setting* clínico, é possibilitar a elaboração desses conteúdos: isto é, criar condições para que a sociedade não permaneça aprisionada em repetições sintomáticas, mas construa novas formas de laço social e político.

Nesse sentido, a democratização da Psicanálise se apresenta como um caminho possível. Ao levar seus instrumentos de escuta e simbolização para escolas, comunidades, instituições públicas e meios de comunicação, de modo a democratizar o acesso a sua teoria. A Psicanálise amplia a capacidade crítica da população, ajudando sujeitos a reconhecerem seus próprios mecanismos inconscientes e reduzindo sua vulnerabilidade à manipulação de massa. Essa prática pode ser entendida como uma forma de elaboração coletiva, na qual a sociedade encontra recursos para simbolizar seus medos e angústias, em vez de entregá-los a líderes que prometem soluções fáceis.

Compete, portanto, à Psicanálise estar atenta a essas dinâmicas, acolhendo os sujeitos em sua singularidade, mas também trazendo à luz os modos como são capturados por discursos de poder. Ao contribuir para o esclarecimento dos mecanismos de manipulação ideológica e afetiva, a Psicanálise colabora para a formação de um olhar crítico e ético da população. Dessa maneira, atua para a construção de um tecido social menos suscetível à reprodução do autoritarismo e mais capaz de elaborar suas tensões históricas e inconscientes.

4. DISCUSSÃO

Ao longo deste trabalho buscou-se compreender a ascensão de líderes carismáticos sob a ótica da Psicanálise, investigando a maneira como fatores inconscientes, afetivos e sociais se articulam para sustentar a dinâmica de poder entre líderes e massas. A análise permitiu visualizar como os conceitos clássicos da teoria psicanalítica seguem sendo extremamente úteis para interpretar fenômenos sociopolíticos contemporâneos.

No campo das atualidades, observou-se que a ascensão de lideranças populistas em países como Brasil, Estados Unidos e Hungria é atravessada por um contexto de intensa polarização política e sentimentos coletivos de insegurança e desamparo (Lima et al., 2022). Nesses cenários, líderes carismáticos emergem como figuras messiânicas, que prometem restaurar a ordem e oferecer proteção. Com o avanço das tecnologias de comunicação, esses líderes passam a contar com um aparato ainda mais eficaz para difundir seus discursos e reforçar sua imagem: as redes sociais. Plataformas como *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *TikTok* e *X* deixaram de ser apenas espaços de interação, tornando-se verdadeiros campos de batalha simbólica, onde os afetos são mobilizados de maneira estratégica, segmentada e personalizada.

Nesse sentido, o presente trabalho também propôs práticas inovadoras ao integrar conceitos psicanalíticos — como identificação, projeção, superego, narcisismo e pulsão de morte — à análise do ambiente digital e dos algoritmos de curadoria. Ao discutir os efeitos das câmaras de eco, da personalização dos conteúdos e da formação de realidades subjetivas filtradas, abordou-se a maneira como o inconsciente é mobilizado para reforçar identidades políticas rígidas e afetivamente polarizadas. Tal abordagem se mostra inovadora na medida em que amplia o campo de atuação da Psicanálise, tradicionalmente restrito à clínica, para o âmbito das mediações tecnológicas e do comportamento coletivo. Ao reconhecer que os sintomas sociais também se manifestam na cultura e na política, a Psicanálise adquire um papel de intervenção ética e crítica no debate público.

Dentre os resultados colhidos, destaca-se que o funcionamento das massas diante de líderes carismáticos permanece sustentado por mecanismos inconscientes de idealização, transferência e identificação com a figura do “Pai”. Em momentos de crise, o sujeito tende a abrir mão de sua autonomia para aderir a um grupo que compartilhe valores, afetos e desejos, projetando em um líder a esperança de

restauração e da segurança perdida. Esse líder, por sua vez, utiliza estratégias retóricas e midiáticas que exploram a angústia coletiva e reforçam vínculos narcísicos e libidinais. No contexto brasileiro, essa dinâmica se intensifica, como demonstram Lima et al. (2020), ao apontarem que o medo da violência e a insegurança cotidiana funcionam como gatilhos para a adesão a discursos autoritários, especialmente entre os segmentos sociais mais vulneráveis (classe D/E).

Essa condição emocional cria terreno fértil para o fortalecimento de lideranças que se apresentam como figuras protetoras da ordem, prometendo segurança em meio ao caos. A situação é agravada pelos altos índices de analfabetismo funcional, que atinge 29% da população entre 15 e 64 anos (INAF, 2024), revelando que grande parte da sociedade, embora conectada à internet e exposta a uma vasta gama de informações, carece de recursos para interpretar criticamente o conteúdo que consome — tornando-se, assim, ainda mais suscetível à manipulação ideológica e à sedução dos discursos populistas. O que explica a propensão ao autoritarismo na parcela mais jovem da população - que tende a gastar mais tempo na internet e redes sociais – e nos indivíduos com menor escolaridade (Lima et al., 2020).

Dessa forma, os dados e reflexões aqui reunidos evidenciam que a figura do líder carismático não apenas persiste, mas se reinventa nas formas contemporâneas de poder e comunicação. A subjetividade, moldada por contextos históricos, afetos coletivos e estruturas inconscientes, permanece sendo um terreno fértil para a compreensão da política — e, por isso, a Psicanálise se reafirma como uma ferramenta indispensável para pensar os impasses da democracia no século XXI.

Os estudos realizados para a elaboração deste trabalho também permitiram confirmar as hipóteses iniciais propostas. Embora o pertencimento a grupos seja constitutivo da natureza humana, os líderes carismáticos, com sua retórica envolvente surgem como uma figura central para que esse fenômeno ocorra. Tal fenômeno pode ser compreendido como um sintoma social de um dispositivo psíquico-político, devido à incapacidade das instituições de produzirem um pertencimento simbólico, da precarização dos laços sociais, das falhas estruturais da democracia e da crise da representação política.

Contudo, o surgimento desses líderes de carisma perverso não é uma anomalia isolada. Há uma cumplicidade de grande parte de uma sociedade adocida que os fabrica, que os deseja e os elege. As instituições que, em tese,

deveriam combatê-los, como as universidades, as igrejas, a mídia consciente, as elites intelectuais e econômicas, o sistema judiciário, e o próprio sistema político, ou aderem a tais movimentos ou se alienam deles. Constatamos também que a presente época, talvez acima de qualquer outro período histórico, tem se caracterizado por uma fortíssima polarização ideológica, a qual não tem permitido que o bom senso do meio termo, do debate civilizado, tenha sequer espaço.

Se, de forma análoga a um câncer, o surgimento de células anômalas deveria desencadear uma reação de defesa do corpo para eliminá-las, o atual avanço de discursos fascistas e autoritários em diversos países revela uma sociedade em estágio de metástase. Ao invés de reagir como um organismo vivo que rejeita o patológico, o tecido social se mostra entorpecido – anestesiado pela ignorância, pelo medo e por discursos de ódio - a ponto de atacar suas próprias células saudáveis, com a crença de estar preservando a saúde coletiva.

Não cabe à Psicanálise oferecer uma solução política direta, mas compete advertir aos sujeitos e conseqüentemente à sociedade que, enquanto não forem encarados e resolvidos certos conteúdos psíquicos não elaborados – como os medos recalçados, os desejos de submissão, a angústia diante da liberdade e existência, o ódio à diferença e a nostalgia por uma ordem idealizada - continuaremos entregando o poder a líderes que, apesar de prometerem soluções, oferecem repetição, segregação e destruição. Especialmente no contexto brasileiro, onde esse cenário se agrava diante da desigualdade social e educacional profunda; e de uma espécie de amnésia coletiva e seletiva frente à nossa história política.

Esse trabalho, portanto, fala de política, mas sobretudo fala do sujeito e como não é possível separar um do outro, já que o ser humano é um ser político. Pudemos notar o quanto ainda nos deixamos seduzir por promessas de proteção, de pureza e de retorno a um passado idealizado. Notamos um social adoecido, mas ainda há a possibilidade da escuta.

A Psicanálise nos mostra que aquilo que não é simbolizado, retorna como sintoma. E talvez os líderes carismáticos que emergem em contextos de crise, sejam justamente isso: sintomas sociais de um inconsciente coletivo adoecido, que ainda busca fora aquilo que precisa ser elaborado dentro.

O nosso papel como psicólogos para além de escutar os efeitos do social na clínica e os efeitos da clínica no social, também se dá sustentando perguntas, promovendo deslocamentos, e auxiliando o sujeito a reconhecer que, muitas vezes,

a liberdade assusta mais do que a opressão e que a autonomia exige mais coragem do que a obediência. Para além do mais, este trabalho contribui ao reafirmar que a Psicanálise, para além da clínica, possui relevância no debate público. Sua capacidade de revelar processos inconscientes e dinâmicas de repetição permite compreender de forma mais profunda a adesão coletiva a discursos autoritários. Ao trazer essa escuta para o campo social e político, a Psicanálise não apenas interpreta, mas oferece instrumentos para resistir a formas de manipulação que ameaçam a democracia contemporânea.

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa partiu da Psicanálise para compreender como líderes carismáticos emergem em tempos de crise e de que maneira a dinâmica das massas favorece sua ascensão. Ao longo da análise, verificou-se que os conceitos freudianos, como identificação, idealização, projeção e transferência, permanecem fundamentais para interpretar os fenômenos coletivos, mesmo em um contexto histórico radicalmente diferente daquele em que tais noções foram formuladas. Isso demonstra a vitalidade da Psicanálise como ferramenta de leitura crítica da realidade social e política.

Constatou-se que, em períodos de instabilidade, sujeitos fragilizados por angústias e inseguranças tendem a abdicar de parte de sua autonomia em troca de pertencimento e proteção. Essa disposição subjetiva, explorada por líderes populistas, explica a intensidade dos vínculos estabelecidos com figuras de autoridade que prometem restaurar uma ordem perdida. O fenômeno, longe de ser apenas político, revela-se como um sintoma social, em que desejos inconscientes e afetos recalçados encontram forma em discursos salvacionistas.

No caso brasileiro, essa vulnerabilidade é intensificada por fatores estruturais, como a desigualdade social, a fragilidade institucional e o elevado índice de analfabetismo funcional. Esses elementos criam um terreno fértil para a manipulação simbólica e afetiva, facilitada ainda mais pelas tecnologias digitais e pelo funcionamento dos algoritmos de curadoria. As redes sociais, ao criarem realidades subjetivas filtradas, não apenas fragmentam o espaço público, mas também reforçam mecanismos inconscientes de identificação e exclusão. Assim, a política contemporânea deixa de ser apenas um campo de debate racional e passa a operar cada vez mais no registro dos afetos e do inconsciente coletivo.

Os resultados desta pesquisa confirmam que a ascensão de líderes carismáticos em contextos de crise não é um fenômeno isolado ou fruto exclusivo da habilidade individual desses sujeitos. Pelo contrário, ela revela uma dinâmica relacional, em que massas desamparadas e instituições fragilizadas abrem espaço para discursos autoritários que oferecem respostas simplistas a problemas complexos. É nesse ponto que a Psicanálise, ao iluminar a dimensão inconsciente do vínculo entre líder e liderados, contribui para uma compreensão mais profunda dos riscos democráticos da atualidade.

Cabe ressaltar, no entanto, os limites deste estudo. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não foi possível explorar empiricamente como tais mecanismos se manifestam no discurso cotidiano de grupos específicos. Também seria relevante expandir a análise para além do contexto brasileiro e europeu, incluindo realidades de outros continentes, a fim de enriquecer a compreensão sobre as variações culturais do fenômeno. Essas lacunas abrem espaço para pesquisas futuras que articulem teoria e empiria, combinando a escuta psicanalítica com métodos qualitativos em Ciências Sociais.

Ainda assim, acredita-se que o presente trabalho oferece uma contribuição significativa ao propor que a Psicanálise, tradicionalmente vinculada à clínica, seja reconhecida como ferramenta de análise política e social. Mais do que explicar o passado, sua aplicação permite compreender a persistência de padrões que se repetem no presente e antever os riscos que se projetam no futuro.

Em última instância, a reflexão aqui desenvolvida aponta para uma tarefa ética: a de ampliar os espaços de escuta, simbolização e crítica que permitam às sociedades elaborar seus medos e angústias coletivas, em vez de entregá-los a líderes que prometem soluções fáceis e totalizantes. Se a democracia contemporânea se encontra ameaçada pela manipulação de afetos e pela exploração de pulsões inconscientes, cabe à Psicanálise colaborar para a construção de um tecido social mais reflexivo, menos suscetível ao autoritarismo e mais aberto à pluralidade. Ao reafirmar essa vocação, este trabalho conclui que toda a Psicanálise é também política, não porque se confunda com ideologia, mas porque revela que o sujeito, em sua singularidade, está sempre implicado nas dinâmicas coletivas e simbólicas de seu tempo.

Em um mundo cada vez mais complexo e polarizado, a compreensão das dinâmicas inconscientes que regem a relação entre líderes e massas, a contribuição

inestimável da Psicanálise para essa elucidação, e o papel proativo do psicólogo e psicanalista na sociedade, tornam-se faróis essenciais para a construção de um futuro onde a liberdade e a autonomia prevaleçam sobre a sedução do autoritarismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: UNESP, 2007. (Contém o ensaio “A ideologia do fascismo tardio”, originalmente apresentado em 1967)

ADORNO, T. W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Unesp, 2019. (Trabalho original publicado em 1950).

ADORNO, T. W. Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista (1951). In: ADORNO, T.W. *Ensaaios de psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaïne Freitas. São Paulo: Unesp, 2015. p. 153 - 189.

ADORNO, T. W., & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos históricos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANTONAKIS, J. Transformational and charismatic leadership. In: DAY, D. V.; ANTONAKIS, J. (Ed.). *The nature of leadership*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2012.

ARÃO, R. *Massas digitais e pulsões inconscientes: o inconsciente político nas redes sociais*. São Paulo: Autêntica, 2021.

ARGON, A.; GONÇALVES, P. Ideologia e polarização política no Brasil: origens, causas e consequências. *Humanidades em Perspectivas*, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 107–120, 2022. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revista-humanidades/index.php/revista-humanidades/article/view/157>. Acesso em: 16 maio 2025.

BARBOSA, F. R. “Partidos Políticos Antiestablishment na Europa Central Pós 1989: uma lógica populista?” *Revista Teoria e Pesquisa*. Dossiê Revisitando o Populismo, v.26, n.1, pp.36- 64, 2017^a.

BARKUN, M. *The culture of conspiracy: apocalyptic vision in contemporary America*. Berkeley: University of California Press. 2003.

BEZERRA, G. F.; *O retorno do pai na democracia: da crise moderna à falência contemporânea*. 2020.

BISPO, F. S.; SCARAMUSSA, M. F.; SILVA, B. O. da. Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 14, n. esp., p. 113–126, abr. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217648912022000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 maio 2025.

CAVALCANTI, V. A. *Líderes com traços de personalidade autoritária e as massas*. 2023. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Paris: Pinsky, 2005.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *TIC Domicílios 2022: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros*. São Paulo: CGI.br, 2023. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/>. Acesso em: 18 maio 2025.

DANZIATO, L. B. et al. Da psicologia das massas à multidão: uma nova topologia das manifestações sociais. *Affectio Societatis*, v. 17, n. 33, p. 1–11, 2020.

DA SILVA, C.G.C. *O bolsonarismo da esfera pública: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro*. 2020. 237 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

DA SILVA, E. F. A problemática sociológica do carisma: a definição weberiana, apropriações sócio-antropológicas e um estudo de caso a partir da noção conceitual. *Revista Inter-Legere*, v. 2, n. 24, p. 137–165, 2019.

DA SILVA, M. M.; DE OLIVEIRA, G. S.; DA SILVA, G. O. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativa. *Revista Prisma*, v. 2, n. 1, p. 91–103, 25 dez.2021. Disponível em <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/45>. Acesso em: 6 nov. 2024.

DE OLIVEIRA, M. B. A articulação da liderança com o discurso: como se estruturam as imagens do político. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, v. 13, n. 2, p. 266–285, 2023.

DOS SANTOS, S. F. *Teorias conspiratórias, as massas e o "cidadão de bem" da extrema direita no Brasil: uma leitura psicanalítica*. 2024.

DOS SANTOS, S. M. da C.; PINTO, F. R.; NIJDAM, E. P. G. L. Dominação carismática em Max Weber: Bolsonaro e na ótica weberiana. *Revista Debates Insubmissos*, v. 4, n. 13, p. 72–89, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.32359/debin2021.v4.n13.p72-89>. Acesso em: 19 out. 2025.

ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise dos vínculos sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FERRAZ, F. G. et al. O Brasil de Bolsonaro: psicologia das massas e fascismo. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2024.

FISCHER, S.; VAZ, A. Sem palco nem palanque? Apontamentos sobre as figuras do herói e do bufão no imaginário da política brasileira. *Estudos Semióticos*, v. 17, n. 1, p. 82-106, 2021.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). Tradução de Paulo César de Souza. In: FREUD, S. *Obras completas*: volume 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13–113.

FREUD, S. Totem e Tabu. (1913). Tradução de Paulo César de Souza. In: FREUD, S. *Obras completas*: volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 13–244.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: *Observações sobre o amor transferencial e outros trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XII).

FREUND, J. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 5.a edição. 2003.

FROMM, E. *Anatomia da destrutividade humana*. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FROMM, E. *O medo à liberdade*. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983. (Trabalho original publicado em 1941).

FUKS, M. P. Wilhelm Reich e a relação entre psicanálise e política. *Percurso*, p. 35-50, 2019.

FUKS, M.; MARQUES, P. H. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, v. 28, n. 3, p. 560–593, set. 2022.

GIBSON, R. K. et al. Election Campaigning on the WWW in the USA and UK: A Comparative Analysis. *Party politics*, v. 9, n. 1, p. 47-75, 2003.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.

GLÓRIA FILHO, M. da C.; MODESTO, J. G. N. Polarização política afetiva e bem-estar subjetivo no contexto político brasileiro. *Psico*, v. 54, n. 1, p. e39825, 2023. DOI: 10.15448/1980-8623.2023.1.39825.

HALL, N.-A. Understanding Brexit on Facebook: developing close-up, qualitative methodologies for social media research. *Sociological Research Online*, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 707–723, 25 out. 2021. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/13607804211037356>.

HAYCOCK, D. – *Tyrannical Minds: Psychological profiling, narcissism, and dictatorship*. Nova Iorque: Pegasus Books, 2019. ISBN 9781643130224.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INAF – Indicador de Analfabetismo Funcional. [S. l.]: Instituto Paulo Montenegro, 2024. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/>. Acesso em: 18 maio 2025.

INGLEHART, R. F.; NORRIS, P. *Trump, Brexit, and the rise of populism: economic have-nots and cultural backlash*. [S. l.], 2016.

ITZKOWITZ, S. – Psychopathy and human evil: an overview. *Contemporary Psychoanalysis* v.54, n.1, p.40-63, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00107530.2017.1418557>. Acesso em 19 out. 2025. ISSN 0010-7530.

IYENGAR, S. et al. The origins and consequences of affective polarization in the United States. *Annual Review of Political Science*, Palo Alto, v. 22, n. 1, p. 129–146, 2019.

KERNBERG, O. F. *Ideologia, conflito e liderança em grupos e organizações*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LACAN, Jacques. *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949)*. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. *O seminário: livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise (1969–1970)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LE BON, G. *Psicologia das multidões*. Tradução: Mariana Sérvulo da Cunha. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. (Trabalho original publicado em 1985).

LENCASTRE, M. P. A.; CUNHA, P.; SARAIVA, R. D. S. N. Liderança carismática e mediação política para a paz: alguns fatores biológicos, antropológicos e psicológicos do carisma e do populismo. *Configurações: Revista de Ciências Sociais*, n. 30, p. 129–148, 2022.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. *Como as democracias morrem*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

LIMA, M. E. O., ALMEIDA, J. N., FRANÇA, D. X. & SANTOS, I. J. O surgimento de líderes autoritários: Significados das posições direita-esquerda e sentimento de anomia. *Psicologia Política*. vol. 22. n.54. pp. 449-466. 2022

LIMA, R. S. de; JANNUZZI, P. de M.; MOURA JUNIOR, J. F.; SEGUNDO, D. S. de A. Medo da violência e adesão ao autoritarismo no Brasil: proposta metodológica e resultados em 2017. *Opinião Pública*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 34–65, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0191202026134>

LINDHLOM, C. *Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração do líder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LUZ, D. S. de C. *Efeito manada em conflitos armados: psicologia do comportamento de massa no contexto da guerra*. 2024.

MOSCOVICI, S. *La era de las multitudes: un tratado histórico de psicología de las masas*. México: Fondo de cultura económica, 1985.

NAI, A.; COMA, F. M. The personality of populists: provocateurs, charismatic leaders, or drunken dinner guests? *West European Politics*, v. 42, n. 7, p. 1337–1367, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01402382.2019.1599570>. Acesso em: 19 out. 2025. ISSN 1743-9655.

NORRIS, P. Is Western democracy backsliding? Diagnosing the risks. *Faculty Research Working Paper Series*. Harvard Kennedy School, 2017a. Disponível em: <https://research.hks.harvard.edu/publications/workingpapers/Index.aspx>. Acesso em: 19 out. 2025.

PICUSSA, R. Outsiders: um conceito de difícil operacionalização na ciência política. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 31, p. e023, 2023.

PINTO, D. J. A.; MORAES, I. As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit. *Revista de Estudios Sociales*, [Bogotá], n. 74, p. 71-82, [oct.] 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/res74.2020.06>. Acesso em: 27 jun. 2021.

REICH, W. (2009). *Psicologia de massa do fascismo*. Martins Fontes. (Original publicado em 1933).

RICHTER, E. P. *Influências da psicanálise na constituição da psicologia política: Reich, Fromm e Adorno*. [S. l.], 2017.

SAFATLE, V. P. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica. 2016. Acesso em: 22 maio 2025.

SAFATLE, V.; JUNIOR, N. D.; DUNKER, C. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SCHARGEL, S. Sobre fascismo e populismo: metodologias de poder e ferramentas políticas. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 26–49, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/66795>. DOI: 10.12957/intellectus.2022.66795. Acesso em: 15 maio 2025.

SCHILLING, V. *Ascensão e Queda de Adolf Hitler*. Porto Alegre: Editora AGE. 2019

SMEEKES, A., JETTEN, J., VERKUYTEN, M., WOHL, M. J. A., Jasinskaja-Lahti, I., Ariyanto, A., Autin, F. et al. (2018). Regaining in-group continuity in times of anxiety about the group's future: a study on the role of collective nostalgia across 27 countries. *Social Psychology*. 49(6), 311-329. <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000350>

SBP - SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA. (2018, Outubro). *SBP Online*. Angústia com as eleições vai parar no divã. <http://www.sbponline.org.br/2018/10/angustias-com--as-eleicoes-vao-parar-no-diva>

SPRONG, S., JETTEN, J., WANG, Z., PETERS, K., MOLS, F., VERKUYTEN, M. et al. "Our country needs a strong leader right now": Economic inequality enhances the wish for a strong leader. *Psychological Science*, 30(11), 1-13. (2019) . <https://doi/10.1177/0956797619875472>

SUNSTEIN, C. R. *#Republic: Divided democracy in the age of social media*. Princeton: Princeton University Press, 2017.

TEYMOORI, A., JETTEN, J., BASTIAN, B., ARIYANTO, A., AUTIN, F., AYUB, N., et

al. (2016). Revisiting the measurement of anomie. *PLOS ONE*, 11(7), 1-27. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0158370>

THIERS, C.; WEHNER, L. – The personality traits of populist leaders and their foreign policies: Hugo Chávez and Donald Trump. *International Studies Quarterly* [Em linha]. 66 (2022) 1-11. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/isq/sqab083>. ISSN 1468-2478.

TRUMP, M. L. *Demasiado e nunca suficiente: como a minha família criou o homem mais perigoso do mundo*. Porto: Porto Editora, 2020.

VAN PROOJEN, J., & DOUGLAS, K. M. (2018) Belief in conspiracy theories: Basic principles of an emerging research domain. *European Journal of Social Psychology*, London, 48(7), pp. 897-908. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/ejsp.2530>.

VAN PROOJEN, J. (2018). *The psychology of Conspiracy Theories*. Routledge.

VIEIRA, V. M. R. *Líderes e liderados: os mecanismos de dominação sob a ótica da teoria crítica e da psicanálise*. 2023. 43 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Departamento de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

WEBER, M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Barbosa; rev. Téc. Gabriel Cohn, 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2012.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar, & V. Nobre, Trans.). Rio de Janeiro: Imago, 1971. Título original: *Playing and reality*.

ZUBOFF, S. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.